

195
204

VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de.
Lições de Filologia Portuguesa. Rio de
Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

p. 27.35

NOÇÕES PRELIMINARES

(Nomenclatura e definições). Gramática e outras disciplinas. — Glotologia. — História de uma língua. — Filologia.

A *fortuna ajuda os fortes*. Eis aqui uma frase que é uma quanto ao conceito geral, mas decomponível em vários elementos. Primeiramente temos: *a fortuna*, sujeito da oração; *ajuda*, predicado; *os fortes*, complemento directo. A esta análise chama-se «*sintática*». Em segundo lugar notamos que *a* é artigo definido, *fortuna* substantivo, *ajuda* verbo, *os* outro artigo, *fortes* adjectivo substantivado. A esta análise chama-se «*morfológica*». Por último podemos observar que *a* e *os* são monossílabos átonos, aquele, constituído por um só som, e este por dois, e que as restantes palavras são polissílabos paroxitónicos, isto é, com o acento na penúltima sílaba, composto cada um d'êles de vários sons. A esta análise chama-se «*fonética*». O conjunto das três análises denomina-se «*gramatical*», e a respectiva ciência GRAMÁTICA.

A Gramática aplica-se ou a uma língua considerada em si mesma e em certo período, — GRAMÁTICA PRÁTICA, empírica, ou meramente descriptiva; ou a uma língua considerada conexamente em todos os períodos da sua existência, — GRAMÁTICA HISTÓRICA. Quando estuda várias línguas entre si, para determinar as relações de umas com as outras, recebe o nome de GRAMÁTICA COMPARATIVA. No citado exemplo averiguaríamos que antes de se dizer *a*, em alguns textos ortografado *ha*, se disse *la*, como em hespanhol, francês, italiano, provençal, e que esta forma do artigo vem do pronome latino *illa-illam*; que *fortuna* é palavra meramente latina; que *ajudar*, como o confessa o provençal *adjudar*, o italiano *aiutare*, o catalão *ajudar*, o hespanhol *ayudar*, o francês *aider*, vem do verbo latino *adiutare*; que *os*, com o hespanhol e provençal *los*, e o francês *les*, representante de *los*, é o acusativo *illos*; que *fortes* é o latim *fortes*. Se compararmos a mesma frase com a latina *fortes fortuna*

CONSPECTO DE FONOLOGIA HISTÓRICA

Prosódia. — Classificação fonética. — Relação dos sons portugueses com os latinos.
— Com os de outras línguas.

As palavras constam de uma ou mais sílabas, e as sílabas constam de um ou mais sons simples. As palavras que constam de uma só sílaba chamam-se *monossilábicas*, ou *monossílabos*, — por exemplo, *ó*, *vi*; as que constam de mais chamam-se *polissilábicas*, ou *polissílabos*, — por exemplo, *Lisboa*. O que dá vida às palavras é o acento, quer elas sejam polissilábicas, quer monossilábicas. Conforme o acento ocupa num polissílabo a última, a penúltima ou a antepenúltima sílaba, assim a palavra se chama *oxitónica* (ou *aguda*), *paroxitónica* (ou *grave*), *proparoxitónica* (ou *esdrúxula*): *amar*, *ama*, *amabilíssimo*. Também se diz substantivamente: oxítono, paraxítono, proparoxítono. Os monossílabos são por natureza oxitónicos: *pé*, *ir*, *mar*. Há casos em que uma ou mais palavras se agregam a uma principal, submetendo-se ao acento d'ela, e perdendo pois o próprio, como *santo* em *Sant'Iago* (também se escreve *Santiago* ou *S. Tiago*), e *se* e *lhe* em *deu-se-lhe*; no primeiro caso as palavras chamam-se *proclíticas*, e no segundo *enclíticas*. Os respectivos fenómenos têm o nome de *próclise* e *ênclise*. Certas classes de palavras, além do acento primário, podem ter um *acento secundário*, principalmente em ênfase, por ex.: *Gui-marães* (*Gui-marães*).

Os sons simples da língua portuguesa são de duas espécies: vogais e consoantes. As vogais classificam-se em pósterio-labiais (*ó*, *ô*, *u*), ântero-palatais (*é*, *ê*, *i*), médias ou, como alguns dizem, guturais (*á*, *â*). As consoantes classificam-se em explosivas, fricativas, nasais, laterais e vibrantes; das explosivas e fricativas umas são surdas (*p*, *t*; *f*, *ç*, *x*), outras são sonoras (*b*, *d*; *v*, *z*, *j*); às nasais pertencem *m*, *n* *nh*; às laterais pertence *l* puro, *l* guturalizado (em *caldo*), *lh*; às vibrantes per-

tencem *r*, *rr*. Nesta classificação toma-se em conta só a língua literária; a língua popular tem maior variedade, tanto de consoantes, como de vogais. A ela pertence, por exemplo, o som *ch* (explosiva surda), e os sons *s* (fricativa surda) e *s* intervocálico ou *ʃ* (fricativa sonora), sons que outr'ora pertenciam também à língua literária. Do nome dos órgãos que concorrem para a produção das consoantes, estas, à maneira das vogais, chamam-se *labiais*, *palatais*, *guturais*, e além d'isso *dentais*, ainda com subdivisões, tais como *bi-labiais*, *labio-dentais*, *linguo-dentais*, e outras¹. Do agrupamento das vogais resultam os ditongos, que são decrescentes (*áu*, *eu*, *ái*, *ou*, *uá*), e crescentes (*uá*, *ié*, *uó*); constam pois de dois elementos: um tónico, ou *base*; outro átono, que quando se segue à base se chama *subjuntiva* (por exemplo *i* em *ái*), e quando a precede se chama *prepositiva* (por exemplo *u* em *uá*). Quer a subjuntiva, quer a prepositiva são propriamente *semi-vogais*, isto é, sons que participam da natureza das vogais e da das consoantes. Ditongos e vogais podem ser orais ou nasais: *ão*, *ã*. Uma sílaba como *uão* ou *wão* em *quão* constitui um tritongo.

Busquemos conhecer agora algumas das principais relações em que estão os fenómenos fonéticos da nossa língua com os das suas fontes, mormente com os do latim. O estudo de tais relações chama-se *Fonologia* (ou *Fonética*) *histórica*².

¹ Consulte-se sobre o assunto: Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique*, Paris 1883 (extracto da *România*, t. XII), e *Exposition de pronúncia normal portuguese*. Lisboa, 1892; e bem assim a minha *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Paris, 1901, pág. 81 ss.

² A este respeito vide, além das *Gramaticas* de Diez e Meyer-Lübke, os seguintes trabalhos: Adolfo Coelho, *Questões da lingua portuguese*, 1, 1874 (trabalho hoje um tanto antiquado); J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 1888 (separata do *Grundrisse* de Gröber, t. 1); J. J. Nunes, *Phonetica historica portuguese* (na *Rev. Lusitana*, III, 251 ss.). [Do livro de Cornu há 2.^a edição melhorada, com o título de *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 1906. Nunes publicou ultimamente outro estudo de fonética histórica na sua *Chrestomathia Archaica*, Lisboa, 1906, pág. XXII-CVIII, e uma *Gramática histórica* (vid. supra), onde a *Fonética* vem a pág. 19 ss.]. Os meus *Estudos de Philologia mirandesa*, vol. I, pág. 171 ss., contêm muita coisa que se aplica também ao português.

Em regra o acento latino conservou-se em português na mesma sílaba: *calente* > *caente* > *queente* > *quente*; *mácua* > *mac'la* > *malha*. As aparentes excepções, que há, provêm geralmente de analogia: *amávamos* > *amabámus*, por causa de *amava*, *amavas*, que tem o acento na segunda sílaba; mas o galego mantém ainda o acento primitivo, pois diz *-abámos*.

As vogais tónicas latinas transformaram-se em português de diferentes maneiras, conforme eram longas ou breves (o sinal de longa é, o de breve é *˘*)

$\bar{a} > a$	$\bar{i} > i$	$\bar{e} > e$	$\bar{o} > o$	$\bar{u} > u$
$\acute{a} > a$	$\acute{i} > e$	$\acute{e} > e$	$\acute{o} > o$	$\acute{u} > o$

por exemplo: *cāsa* > *casa*, *cārru* > *carro*; *filu* > *fio*, *cito* > *cedo*; *vidēre* > *veer* > *ver*, *tērra* > *terra*; *sōlu* > *soo* > *só*, *pōssum* > *posso*; *ūnu* > *ūu* > *um*, *rūmpo* > *rompo*. Já no próprio latim vulgar \bar{a} e \acute{a} se haviam unificado em *a*; \bar{e} e \acute{e} em *e* fechado ou *ê*; \bar{o} e \acute{o} em *o* fechado ou *ô*; \bar{u} e \acute{u} haviam passado a *i* e *u*. O acento substituiu assim a quantidade. — Isto é o que pode dizer-se de modo muito geral; esmiuçar particularidades, pertence mais a um tratado, do que a uma conferência.

No decurso dos tempos as vogais átonas latinas sofreram também mudanças ou supressões. Assim o *e* caiu depois de consoante susceptível de formar sílaba com a vogal antecedente: *sol* de *sole*, *cantar* de *cantare*. Deve escrever-se *cear*, *passear*, e não *ceiar*, *passiear*, embora se diga *ceia* e *passieo*, pois *e* tónico antes de vogal soa *ei*, ao passo que *e* antes da vogal soa *i*, posto que representado ortograficamente por *e*. Em português arcaico dizia-se *enteiro*, e hoje diz-se *inteiro* (na língua literária). A vogal nasal final dos verbos tornou-se ditongo: *erant* > *erā* > *erão* (escrito hoje *-am*).

O ditongo latino *AV* tornou-se *ou* ou *ôi*: *tauru* > *touro* ou *toiro*; *autumnu* > *outono*. Criaram-se ditongos novos, nascidos de alargamento de vogais tónicas em hiato, como *areia* > *area* > *arena* (*harena*); ou de dissolução de consoantes, como *eito* < *actu*, *oito* < *octo*, *fruito* < *fructu*, *Bautista* < *Baptista* (origem eclesiástica); ou de condensação de dissílabos, como *meu* < *meu* (*meus*); ou de atracção, como *raiva* < **rabia* (*rabies*); ou de síncope, seguida de condensação, como *soes* < *soles*; ou de nasalamento, como *mão* < *manu*, *cães* < *canes*, *melões* < *melones*, *muito* < *muito* < *multu*. A palavra literária *quieto* < *quietus* pode pronunciar-se como dissílabo, tornado-se *ié* (*yé*) ditongo crescente.

O tritongo *quão* = *qwão* de *quan*(tu-), é novo. — Nos dialectos os ditongos estão muito modificados.

O destino das consoantes latinas, ao tornarem-se portuguesas, variou conforme estas eram singelas, agrupadas ou geminadas, e também conforme a posição d'elas na palavra (iniciais, mediais e finais), e ainda por outras circunstâncias.

a) Consoantes consideradas em separado:

As consoantes latinas no princípio das palavras conservam-se normalmente em português: *terra* > *terra*, *dare* > *dar*; *caru* > *caro*, *gumma* > *goma*; *porta* > *porta*, *bonu* > *bão* > *bom*; *filiu* > *filho*; *vadu* > *vau*; **seranu* > *serão*; *lama* > *lama*; *mola* > *moa* > *moo* > *mó*; *nata* > *nada*; *radere* > *raer* > *reer* > *rer*. Em CE e CI o C assibila-se: *certu* > *certo* (que soa *çerto*), *cincta* > *cinta* (que soa *çinta*). Em GE e GI o G palatiza-se: *gente* > *gente* (que soa *jente*), *gingiva* > *gingiva* (que soa *jenjiva*). Em *já* o *i* latino (semi-vogal) de *iam* está representado por palatal; em *vi* o *u* latino de *vidi* (*uidi*) está representado por *v*. O *h* não soava no lati mvulgar.

Das consoantes finais, -c cai (sic > *si* > *sim*, nec > **ne* > *nem*); -t muda-se em -d, que também cai (erat > **erad* > *era*); -m cai, excepto em certos monossílabos (*amabam* > *amava*; *cum* > *com*, proclítico; *rem* > *rem*); -n nasala a vogal anterior e cai em in > *ẽ* = *em*, non > *nõ* = *nom*, *não*; a preposição ad deu *a*; a preposição sub deu *so*; -s como sinal de flexão mantém-se (plural dos nomes, formas verbais), e em algumas outras circunstâncias (*cras*, *mais*, *Deus*), mas cai em *foras* > *fora*.

Entre vogais -d- e -l- sincopam-se (*fide* > *fee* > *fé*; *dolore* > *door* > *dôr*; -n- transforma-se em ressonância nasal, que em certa época e em certos casos desaparece (*luna* > *lũa* > *lua*), mas que às vezes permanece (*sonu* > *são* > *som*, — oxítono). As consoantes surdas tornam-se sonoras:

-p > b: *lupu* > *lobo*;

-c > g: *amicu* > *amigo*;

-t > d: *pratu* > *prado*;

-f > v: *profectu* > *proveito*;

a labial -b- torna-se geralmente *v* (*faba* > *fava*); -g- pode cair (*legale* > *leal*), ou manter-se (*Augustu* > **Agustu* > *Agosto*; *rogare* > *rogar*); a semi-vogal -v- fica em *niue* > *neve*, cai em *boue* > *boi* e na terminação -iv- (*riuu* > *rio*; *aestiuu* > *estio*), mas fica em *vivo* < *uiuu*, por influência de *viver*; a semi-vogal *i* dá *i* em *maior* < *maior*-, e *j* em *cuja* < *cuiu*;- -s- torna-se sonoro (em *rosa* > *rosa*

= *rofa*); -m- e -r- ficam (*amore* > *amor*, *hora* > *hora*); CE e CI dão *ze* e *zi* (*acetu* > *azedo*, *vicinu* > *vizinho* (*vezinho*)).

b) Consoantes agrupadas:

Não posso aqui tomar em conta senão alguns grupos mais importantes. O destino dos grupos latinos varia às vezes também com a posição d'êles na palavra. Demos exemplos:

PL > ch: plus > *chus* (arc.); plorare > *chorar*;

-PL > lh: **manup'lu* > **mãoelho* > **maolho* > *moolho* > *mólho*;

MPL > ch: amplu > *ancho*; implere > *encher*;

FL > ch: flamma > *chama*; flore > *chôr* (dialectal);

cons. FL > ch: inflare > *inchar*; afflare > *achar*;

CL > ch: clave > *chave*; clamare > *chamar*;

-CL > lh: grac'lu > *gralho*; oc'lu > *olho*;

cons. CL > ch: **fas'lu* > *facho*; **mane'la* > *mancha*;

GL > gl: glande > *lande*; glattire > *latir*;

-GL > lh: teg'la > *telha*;

NGL > nh: ung'la > *unha*;

LT > ut, it: altariu > *outeiro* (*oiteiro*); cultellu > *cuitelo* (arc.);

RS > ss: persona > *pessoa* > *peessoa*; Sanctu-Thyrsu > *Santo*

Tirso (arc. e pop.);

NS > s (já em latim vulg.): mensa > *mesa*; **tonsare* > *tosar*;

SCE > x: pisce > *peixe* (arc. e ainda pop. *peixe*); mas nascere > *nacer* (que se escreve com *sc*);

SCI > x: **asciata* > gal. *eixada*, portug. *enzada*;

CT > it: actu > *eito*, octo > *oito*, fructu > *fruito* (arc.);

NCT > nt: iunctu > *junto*; sanctu > *santo*;

GN > nh: cognoscere > *conhocer* > *conhecer*; agnu > *anho*;

x = cs > ix: axe > gal. *eixe*, portug. *eixo*.

Com relação aos grupos, convém observar que uns são originariamente latinos, como em *amplu*-, outros são de origem românica, produzidos por síncope de consoante, como em **manup'lu* (= **manupulu* por **manipulus*). O ditongo *ui*, que nasce às vezes de dissolução de consoantes em certos grupos, transforma-se frequentemente em *u*, ao passar da língua antiga para a moderna: *cuitello* > *cutelo*, *enxuto* > *enxuto*, *fruito* > *fruto*, *luita* < *luta*, *truita* > *truta*; é por isso ilógico escrever *fructo*, porque, para se imitar o latim *fructus*, passa-se por cima de *fruito*. Em *chuiva* (arc.) o *ui* vem de *pluvia*; modernamente mudou-se também em *u*, pois dizemos na língua literária *chuva*, embora o povo no Norte e Centro diga *chuiba* (*chuiva*) e *chúbia*.

c) Consoantes geminadas, dobradas ou duplas:

Simplificam-se na fase portuguesa; embora às vezes se mantenham na escrita, pronunciam-se sempre singelas. Por exemplo:

NN > n: annu- < ano (escrevia-se ultimamente anno);

LL > l: caballu- > cavalo (escrevia-se cavallo);

PP < p: stuppa > estopa;

MM > m: flamma > chama (chamma);

TT > t: gutta > gota (gotta);

RR tornaram-se r forte: carru- > carro; ss soam como s: ossu- > osso. — Devo observar que não é inteiramente rigoroso dizer que o l de cavalo ou cavallo soa singelo, pois em verdade soa ll, com l precedido de guturalização de outro l, mas este fenómeno dá-se sempre que l esteja depois de vogal tónica, ainda que não provenha de LL: assim se diz ou pode dizer sollo (solo).

d) As consoantes, quando ao contacto das semi-vogais (i, u), merecem consideração especial:

vog. SI > j: visione- > avejom > avejão;

NI > nh: Iuniu- > Junho, linea- > linha } (pois -ea = -ia);

LI > lh: miliu- > milho, palea > palha }

vog. DI > j: hodie > hoje, mas modiu- > moio;

RDI > rç: ardeo > arco, *vir'dia (de *vir'dis, como viridia de viridis) > verça;

TI > z: iustitia > justeza } mas também se estabelecem confusões
CI > ç: facio > faço } entre estes sons: puteu- > poço,
Gallicia > Galiza.

STI > ch: mustione- > mocho.

Há atracção em: cómedo > cómeo > arc. coimo (simplificação analógica moderna: como); pário > arc. paio; apiu- > aipo; sapiam > saiba; rabia- > raiva. Nem todas estas formas serão porém da primitiva. Quando a vogal tónica é i, a atracção fica imperceptível: Limia- > *Liima > Lima. Outras:

ARI- > *ERI > eir-: primariu- > primeiro, area > eira;

ERI- > eir-: monasteriu- (monisteriu-) > mōesteiro > moesteiro > mosteiro, materia > madeira;

ORI- > oir-: coriu- > coiro, sectoria- > seitoira.

Gutural + u:

QVA > qua, ca: nunqua(m) > nunca; quantu- > quanto, arc. e

pop. canto;

-QVA- > goa: aqua- > ágoa (pop. auga e augoa).

O que fica exposto, é mera sinopse muito sumária. Algumas particularidades mais foram mencionadas no decorrer das preleções.

Há de entender-se que as leis deduzidas acima se referem geralmente às palavras de origem popular, isto é, às que foram transmitidas, de boca em boca, desde a época lusitano-romana até hoje. Aquelas que entraram em épocas posteriores, ou provieram de origem eclesiástica ou literária, podem ter tido várias transformações. Assim se ancho é palavra popular e antiga, evolução de amplu-, já não acontece o mesmo com amplo, que é a palavra literária e moderna. Não deve perturbar os principiantes esta aparente discrepância. Já noutra ocasião aludi a isto; mas convém sempre insistir.

As palavras que, sendo de origem pre-romana, ou por outra, pertencentes às línguas faladas na Lusitânia antes e ao tempo da romanização, passaram para o léxico latino, foram tratadas como as palavras propriamente latinas: assim, lousa, que provém, como disse, do tema de lausiae, palavra lusitânica, apresenta o mesmo ou de pouco, que provém de paucu-, palavra romana; Portucale deu Portugal, como a palavra romana vocale- deu vogal, com a mesma transformação de -c- em g, e a mesma apócope de -e; o ditongo AE de Gallaecudeu e em Galego, como o de laetu- deu e em ledo. Até que ponto a fonética, é em geral a gramática, das línguas indígenas influíram na transformação do latim, não o podemos bem saber, por falta de elementos de investigação.

Vimos há pouco que o lexico latino incorporou vocábulos de línguas post-romanas. Os sons destas línguas adaptaram-se a pouco e pouco ao sistema fonético (latino) preexistente; não temos hoje na nossa língua sons que sejam especialmente germânicos, ou arábicos.

O é germânico foi transformado em i, por exemplo mērs «grande» em Belmiro e Argemil; a palavra wulfs «lobo», deu -ulf- na idade média, que se mudou ulteriormente em -uf-, por exemplo Berulfi > Berufe (Brufe); werra deu guerra; TH inicial deu t, e TH medial deu d, por exemplo: Tugilde < Teodegildi, que provém de thiuda «povo» e gilds «valor», e Ermesinde < *Ermesindi, que provém de ermans «forte» e sinths «companheiro».

O tá arábico deu t, por exemplo: tannör «forno» em Atanor = At-tanor; o há arábico deu f, por exemplo: albuhaire «o lago» em Albufeira; az-zauca tornou-se azougue. Os Árabes modificaram de acordo com os seus hábitos glóticos, certos nomes que encontraram cá, os quais depois passaram, assim modificados, para o nosso vocabulário;

Tagu-, por exemplo, foi mudado em *Tejo*¹, e Pace- (de *Pax Iulia*), certamente na forma *Paca* > **Paga*, foi mudado em *Beja*²; no Algarve *castella* ou *castellum* tornou-se *Cacela*³, do mesmo modo que na língua comum castru- se tornou *alcacer* = *al-cacer*. Mas os sons resultantes são perfeitamente portugueses, e iguais aos que se observam em palavras provenientes do latim. Dizemos *Tejo* como *inveja* (do lat. *invidia*), e *Cacela* como *cancela*, feminino de *cancelo* (do lat. *cancellu-*). O mesmo notámos nas palavras de origem germânica.

Factos análogos se deram com relação às restantes línguas que contribuíram para o léxico português.

O *j* hespanhol passou para cá, por intermédio da literatura, com o som do *j* português, na palavra *Badajoz*; *xerez*, nome de um vinho, apresenta *x*, porque o nome próprio andaluz de que êle provém, e que hoje se escreve *Jerez*, escrevia-se outr'ora com *X*; pela mesma razão dizemos *quixotesco*, *quixotice*, de *Quixote* = *Quijote*⁴. Conquanto o hespanhol arcaico possuísse os sons que em português correspondem hoje a *j* e *x*, as citadas palavras são de época posterior⁵. Na língua chula há porém uma

¹ Vid.[: Gonçalves Viana, algures; e] David Lopes, *Actes du XIV^e Congrès International des Orientalistes*, t. III, pág. 244.

² David Lopes, loc. cit., pág. 245. — O mesmo A. pressupõe Pace-, mas a mim parece-me que devemos pressupor *Paca*, pois não é crível que no tempo dos Árabes o *c* antes do *e* soasse ainda *k*. Além d'isso, para se passar, nesta hipótese, de Pace- para *Beja*, seria preciso admitir como forma intermédia **Page*: ora nem os Lusitanos-Romanos, nem os Árabes a podiam criar, porque na língua d'aqueles -*ace*- daria -*az*, e na d'êstes não havia *g*. [Na *Chronica Gothorum* (vid. *Portugaliae Mon. Hist.*, *Scriptores*, p. 15) vem de facto «*civitas Paca*, id est, *Begia*», e já André de Rêsende na epístola *de colonia Pacensi* se refere a isto.]

³ Cf. David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal*, Paris, 1902, pág. 10.

⁴ Numa tradução portuguesa moderna do romance de Cervantes, o título foi escrito insensatamente *D. Quichote*, com *ch*, como se *ch* pudesse representar *x* na nossa ortografia! Os Franceses é que dizem *Don Quichotte*, com *ch*, porque não têm outro modo de representar o *x-j* do castelhano. O citado dislate veio certamente d'aí.

⁵ Os nossos antigos diziam *Badalouzi*, *Badalioz*, *Badalhouce*: vid. *Portug. Mon. Hist.*, *Scriptores*, pág. 2, 16 e 25. Num doc. do séc. XIV

palavra onde o som hespanhol de *j* está representado por *g*, que é o que mais se lhe avizinha; o mesmo se nota em *Arangués*, nome de uma quinta em Setúbal, o qual provém de *Aranjuez*, nome de um *sítio real* de Hespanha. Ao ditongo *ue* de *fruenta* corresponde *e* na nossa palavra *frente*, que porém pode ter vindo do hespanhol moderno, onde já há *frente*.

O som representado por *ggi* em italiano na palavra *arpeggio* deu *j*: *arpejo*. O som representado por *ce* em *violoncello* deu *xe*: *violonxelo* (como muitos dizem); a par há *ce* em *violoncelo* (como vem nos dicionários). Implicitamente vemos -*ello* representado por -*elo*. Existem várias palavras portuguesas que se têm por italianas, e realmente o são na origem: todavia chegaram-nos pelo francês, como *charlatão*, *arlequim*: em francês *charlatan*, *arlequin*, em italiano *ciarlatano*, *arlechino*, com outras terminações.

Y Não é possível mencionar aqui todas as línguas de que recebemos palavras. Sempre o nosso ouvido as interpretou à portuguesa, e do mesmo modo a reproduziram os nossos órgãos fonadores.

Depois do estudo, embora tão sucinto, dos fenómenos fonéticos que são, por assim dizer, normais, seguir-se-hia falar dos excepcionais, e exemplificar as influências da analogia, da etimologia popular, do cruzamento de palavras entre si, do eufemismo, e outras. Ao mesmo tempo poderia tratar-se de certos acidentes gerais, tais como assimilação, dissimilação, acrescentamento e supressão de sons. Todavia não estou expondo doutrinas que constituam metódicamente uma gramática: além d'isso terei ainda ocasião de me referir a tais assuntos.

(*Archivo Hist. Port.*, (, 56) vem ainda *Badalhouce*, mas nos *Lusiadas*, III, 66, lê-se já *Badajoz*.